Dados de: Souza Neto, R. A., Dias, G. F., Silva, R. R., & Ramos, A. S. M. (no prelo). Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Nome do(a) entrevistado(a) (fictício): Alice
Idade: 25 anos
Nível de escolaridade: Mestre; Estudante de doutorado em Administração (em andamento)
Região de doutoramento: Nordeste
QDAS utilizado: Atlas.TI e NVivo
Método sem QDAS: Manual (impressão, marca texto)
Tempo utilizando QDAS: Entre 3 e 4 anos
Técnica de análise utilizada: Análise de Conteúdo
Dia da entrevista: 18/11/2016
Duração: 33m 16s – começa em 4m 54s
Número de páginas transcritas: 9 páginas

E1: Então, eu queria saber o que levou você a utilizar esses softwares CAQDAS.

Alice: Tá! Então, no primeiro momento, que foi o primeiro contato que eu usei o Atlas.TI ... A gente fez uma pesquisa, que era uma pesquisa de iniciação científica... Era um projeto do [nome de instituição] e, nessa pesquisa, a gente teve a parte de questionário, né... Aí, a gente aplicou os questionários e teve as entrevistas. Aí, essas entrevistas eram muito longas e muito densas... e eu tava começando na pesquisa, eu tava na iniciação científica, não sabia direito éé como operacionalizar, como entender, eu não sabia. E aí, eu li alguns artigos, né? Li vários artigos e tal... Na época, a pesquisa era sobre [tema da pesquisa]. E li alguns artigos e vi que o pessoal costumava utilizar os softwares para ajudar no processo de análise e sistematização dos dados. Aí, me chamou atenção esses softwares. Eu fui pesquisar na internet e aí, eu queria achar um software livre, um software de análise de apoio a dados qualitativos livre, mas aí acabou que eu conheci o Atlas.TI. O pessoal da base de pesquisa, uma colega, que, na época, fazia mestrado usava o Atlas.TI, e ela indicou: "olha, [nome] pega esse aqui que ele é muito legal e ele é muito rápido e não é difícil de você usar" – e a gente tinha aquela versão estudante, porque o software é pago. E aí, pronto! Aí, eu peguei e comecei a usar o software, mas, antes de usar o software, eu tava fazendo tudo na munheca mesmo (na mão). Então, eu pegava as entrevistas, que eram muito longas ... que não fui eu que fiz as entrevistas, elas já ... um bolsista anterior já tinha feito e chegou na parte da análise do projeto, né, para continuar e escrever os relatórios ... eu lembro que foi uma correria danada! Eu tava fazendo tudo na mão. Aí, tinha uma hora que era pra fazer a frequência dos softwares ... Dos sistemas operacionais mais usados dos [tema da pesquisa]. Aí, eu lembro que eu ia fazendo na mão. Eu pegava imprimia tudo, pegava um papel, listava e ia fazendo, sabe? Ia "coisando", então bem, bem operacional mesmo. Aí, depois eu conheci... No meio desse processo, que eu tava pesquisando, que eu tava buscando... eu conheci esse software, o Atlas.TI. E aí, eu comecei a usar. Mas aí, a gente tinha um prazo para entregar o relatório e acabou que nem eu usei na sua essência o software todo, eu só usei para algumas coisas, mas foi meu primeiro contato. Aí, eu fiz a pesquisa, até a parte quali[tativa], tratei alguma coisa da parte qualitativa, fiz aqueles gráficos, aquela tabela. Naquela época, era interessante ver a frequência de ocorrência, os [tema da pesquisa] mais citados, as [tema da pesquisa] mais citadas, os [tema da pesquisa]. Aí, eu fiz isso e comecei a desenvolver o artigo e... usando parte dos recursos, porque eu ainda não sabia usar tudo e eu tinha um prazo, então eu fui, fui, fui crescendo... fui, fui correndo. Mas aí, como é que eu usava, antes de usar o software, quando eu tava fazendo? Eu usava meio que operacional e dava um trabalho danado! Como eu falei, eu pegava uma

folhinha, imprimia tudo, ia lendo, até com marcador, sabe? Com marcador de texto de cor diferente [risos], eu marcava isso aqui de rosa, aí depois eu via todos os "rosas" e juntava num papel e via tudo rosa "é isso aqui que eu quero". E depois eu comecei a fazer tabelas no Excel para juntar os trechos, né, que eu destacava ... eu já tava fazendo análise de conteúdo a categorização, mas tudo ainda bem [...] precário, manual. Então, eu juntava as coisas com coisas que pareciam ser coerentes e coesas, colocava lá nas tabelinhas ou colocava no papel e assim ia. No final, deu certo, o artigo deu super certo. Mandamos para uma revista ... até foi o meu primeiro artigo, fiquei super feliz, foi aprovado. E, no final, eu gerei uma matrizinha, que não foi no Atlas, mas foi uma matriz que eu usei no Excel para tentar criar categorias de usuários de software livre. Foi bem legal!

E1: Entendi. Certo, tá certo! Então, assim, foi uma motivação pessoal, né? Partiu de você [...] essa atitude de usar, de adotar esse software, né?

Alice: É, partiu de mim. Mas como eu falei, eu tava lendo os artigos, as pesquisas e via que nos artigos que as pessoas utilizavam... os pesquisadores utilizavam, como eu ainda era muito nova, eu ainda não conhecia, eu não li livros ... os pesquisadores utilizavam. Aí eu vi "nossa, como fica bonitinho com esse software! o negócio fica bem arrumadinho, a análise fica bem direitinho", aí eu peguei e comecei a pesquisar. E também a indicação dessa a colega, que já estava no mestrado e já utilizava e disse "ó, utilize esse aqui e ele é muito bom e vai cumprir seus objetivos" foram esses dois... essas duas questões.

E1: Certo, ok. Tá certo. Eu queria agora que você fizesse uma comparação, né? Refleti... Fizesse uma reflexão critica mesmo, comparando as duas experiências de analisar com o auxilio do software e analisar sem o auxílio do software.

Alice: Entendi. Sem o auxílio do software, não é que não dá para fazer. Porque imagina: éé as pessoas que pesquisavam antes, antes da existência de softwares e tudo conseguiam fazer toda a sua pesquisa né? Não é que não dá para fazer, dá para fazer, como eu fiz... lá que eu ia fazendo no papel ou na folhinha, na matriz do Excel, no Word dá para fazer ... agora é um processo muito mais lento, exige um esforço muito maior do pesquisador em condensar as coisas, em buscar as coisas, em sintetizar, em chegar a resultados práticos ... porque o que acontece, o pessoal critica muito que a parte qualitativa ela pode ser subjetiva... "Ah, pode ser muito subjetiva e esse resultado tá só na cabeça do pesquisador, se você perguntar como ele fez... tá só na cabeça dele". Manualmente parece que isso é mais evidente, sabe? Você que cria o seu processo e você vai lá pela sua intuição vai criando os modelinhos, vai analisando. O software ajuda a operacionalizar. Não é que ele vai dar o caminho do... do ... não é que ele vai dizer o caminho certo, não é que ele vai fazer para você como os softwares de análise quantitativa fazem, que você clica lá no botãozinho rodou a regressão, clica lá no botãozinho rodou o cluster. No qualitativo não, se você clicar o botãozinho não vai sair a sua análise. Ainda tem o esforço total do pesquisador, todas as suas impressões. Mas o que ele ajuda é nesse sentido de organizar, operacionalizar, sistematizar e ... e dar ferramentas, você pode usar para tornar os seus resultados e a sua análise mais clara, mais evidentes para as pessoas que vão ler, para você poder organizar lá nos quadrinhos, nas tabelas, nas... nos clusters, nas árvores o que você conseguiu colher a partir de dados, que são as entrevistas, que são dados que tão lá transcritos, que são dados que não tem um padrão. Já no "quanti" eu já tenho padrão, eu trato o dado, ele vai me dar o resultado. Então é isso, éé oo o software qualitativo... os softwares que ajudam a análise qualitativa eles vão atuar dessa forma, ajudando o pesquisador durante o processo. Alguns você já pode você já pode já pula aquela parte da transcrição, que é chata e demorada, não é? Tem uns softwares que ajudam a transcrever, então você vai economizando tempo, vai economizando um pouco de... da sua, do seu próprio esforço, da sua própria energia de organizar as coisas. Mais um processo de organização, de

sistematização. Imagina a gente escrevendo uma tese no papel, na mão, na munheca, seria o pesquisador ao fazer uma análise qualitativa sem o software. Imagina a gente escrevendo a tese no computador, no Word, no LATEQ, que o pessoal usa, é outra coisa, né? Dá uma maior robustez, ajuda durante o processo éé auxilia o pesquisador a chegar ao seu objetivo, a sua analise.

E1: Entendi. Você falou que, quando você não usava o software ainda, você grifava, né? Fazia todo esse trabalho. Você acha que isso de alguma forma gerou um aprofundamento na reflexão?

Alice: Sobre a pesquisa?

E1: Comparado com quando você usou o software.

Alice: Ah, isso aí também é uma questão interessante, é você refletir, né? Quando você tá lá imerso nos seus dados, você tá lá com as suas entrevistas no papel, com as suas entregas no computador, não tem software, você acaba emergindo mais. Você tem uma imersão maior nesses dados e aí você acaba tendo, como eu falei, um esforço maior de compreender a essência daquilo ali e de chegar a um resultado para analisar aquilo ali. Não é que no software você também não faz isso, você faz isso, você faz isso, você faz isso do mesmo jeito... (confusa) Eu até agora, eu fico confusa em dizer para você se sem o software você tem uma maior intensidade desse processo crítico de análise e com o software você tem um menor intensidade...

E1: Então vamos fazer o seguinte, vamos imaginar a pesquisa em que você usou o software.

Alice: Tá.

E1: Imagina uma pesquisa que você usou o software, a principal que você fez, assim que você fez, assim que você considera...

Alice: Tá, tá...

E1: Se você não tivesse usado o software, o que é que seria diferente?

Alice: Ah, se eu não tivesse usado o software... [pensando]

E1: Sua [título de pesquisa], por exemplo, que você usou, né?

Alice: Unhum.

E1: Se você não tivesse usado o software?

Alice: Nossa! [impressionada] Ia me dar um trabalho gigante, eu não ia conseguir... não sei se eu não ia conseguir, mas ia ser um trabalho fora do normal, porque eu tinha quase 200 páginas de transcrição. Imagina se eu fosse grifando as coisas, colocando no papelzinho, colocando na tabelinha para criar os códigos, para criar as categorias, para depois chegar aos resultados. Ia ficar mais complexo para mim, eu ia ter que... acho que sim, eu ia ter que ter um esforço maior em éé chegar em um resultado, em criar um resultado, em tirar as evidências e dizer “bem, o que foi que a conclui aqui? o que foi que as pessoas me disseram e o que foi que conclui?”.

E1: Você teria um esforço maior sem o software...

Alice: Sem, sem...

E1: Se não tivesse usado. Então, você acha que os resultados da pesquisa...

Alice: Eu acho que sim. Eles ficam mais evidentes, eles se tornam mais sólidos... mais sólidos, os resultados com o software. Sem o software, eu acho que o pesquisador ele tem que ter um esforço ainda maior para analisar, relatar e sistematizar os dados.

E1: Perfeito! Então, eu queria saber agora o que é que você considera que confere qualidade a uma pesquisa qualitativa, na sua opinião.

Alice: Acho que, para mim, qualidade na pesquisa qualitativa né [pausa] como eu falei para vocês, a pesquisa qualitativa, por si só, ela, em alguns momentos... isso hoje está mudando, né? Mas ao longo do tempo, as pessoas têm uma restrição a pesquisa qualitativa: "ah, porque é qualitativo então você faz uma entrevista... e é algo muito subjetivo, sempre vai ter a subjetividade". O pessoal tem um certo uma certa restrição, um certo preconceito porque não é algo totalmente tangível e evidente e certo, né? Se você... Se eu tenho os dados aqui, você tem os mesmos dados, a gente pode analisar e chegar a um resultado diferente, mas eu acho que tem que ter critérios para poder evidenciar e da robustez a pesquisa qualitativa, conferir qualidade, né? O primeiro... o primeiro passo começa na questão da... do, da escolha do instrumento, se vai ser uma entrevista, vai ser um grupo focal. Você tem que elaborar esse roteiro, né? Elaborar o roteiro de entrevista e ter uma validação disso. Eu acho que isso é um dos primeiros elementos... no início da pesquisa qualitativa para conferir uma qualidade. Pensar direitinho no roteiro, pensar direitinho nessas questões e buscar validação. Seja, seja pegando outros pesquisadores, seja pegando um especialista, o roteiro ele tem que ser a isca... quando a gente vai pegar o peixe, não vai pescar... vai pegar o peixe, não tem que tá com a isca certa? O roteiro tem que ser a isca certa na pesquisa qualitativa porque se você vai para o campo e o roteiro não está adequado, você não vai conseguir colher dados para fazer a sua pesquisa e chegar ao objetivo final. Então, eu acho que a primeira coisa é elaborar um bom roteiro e buscar validação desse, né? Depois, no decorrer da pesquisa que, quando você vai à campo mesmo... antes, antes de ir à campo tem a questão da amostragem... escolher muito bem a amostragem, do mesmo jeito que a gente tem no "quanti", que a gente tem que eliminar viés de amostra se não vai implicar o dado, né? Porque tudo aquilo ali a gente também pode pensar similar na pesquisa qualitativa, então, escolher muito bem a amostra, elencando critérios de escolha, sempre justificando esses critérios, né? Então, a amostra... depois que eu vou à campo, no decorrer da entrevista, né, ou de outro instrumento, grupo focal... tem que buscar elementos também que garantam a validade desse processo, né? Então, pensar aí na validação dessa entrevista, na validação desse grupo focal éé a validade. Depois, na parte dos dados tenho que garantir que a interpretação do pesquisador, o processo de codificação ele seja o mais limpo, claro e transparente possível e que também seja validado, que tenha uma validação para o pesquisador externo e tal e por aí vai. E, por último, essa questão da ética na pesquisa qualitativa tem que tá muito forte... questão dos informantes, eles têm que tá ciente de tudo que acontece, tem que receber o feedback também quando termina a pesquisa. Então, eu acho que tudo isso contribui para dar qualidade à pesquisa qualitativa

E1: Perfeito. Eu tenho aqui um checklist...

Alice: Certo. Unhum.

E1: E aí.... com alguns critérios que a gente levantou de qualidade na pesquisa qualitativa na literatura, que a gente verificou isso aqui na literatura... E aí, eu vou perguntar se você éé [pausa] atendeu esses critérios na pesquisa sem o software e na pesquisa com o software, tá certo?

Alice: Certo.

E1: Considerando a pesquisar sem o uso do software, você chegou a fazer uma triangulação de métodos, pesquisa quali[tativa] com quanti[tativa]?

Alice: Não.

E1: Não? E, na pesquisa com, você chegou a fazer uma triangulação de métodos?

Alice: Em algumas das pesquisas que eu já fiz, já.

E1: E de alguma forma o software ele esteve relacionado à essa escolha de triangular?

Alice: Não, não, não, foi mais o objeto da pesquisa mesmo, o software não tava não relacionado não.

E1: Certo. Com relação a teoria, na pesquisa sem, você chegou a fazer a triangulação de teorias? Que seria desenvolver o seu modelo a partir ... pegando teorias diferentes?

Alice: Teorias diferentes ou uma teoria específica?

E1: Teorias diferentes... triangulação de teorias seria você pegaria teorias diferentes.

Alice: É... [pensando] não.

E1: Sem o software não, e com software?

Alice: Sim, mas aí também foi devido ao escopo da pesquisa, ao objeto. Eu acho que o software não teve influência nisso não.

E1: Perfeito. E com relação à triangulação de fontes – que seria você fazer observação, você pegar documentos, você realizar entrevistas, você... –, no artigo sem o software, você fez triangulação?

Alice: Não fiz isso... [confusa] Fiz, fiz. Busquei documentos do [tema da pesquisa], analisei sites e depois as, as entrevistas.

E1: E com o software também?

Alice: Também.

E1: De alguma forma, você acredita que o...

Alice: Mas com software é perfeito porque eu posso juntar todas as... posso juntar as fontes, depois casa-las ... éé fazer o processo de codificação para todas essas fontes.

E1: Perfeito! E aí, você considera que isso agrega de alguma forma para os resultados?

Alice: Muito, muito, muito mesmo.

E1: Certo.

Alice: Evidencia e potencializa os resultados da triangulação de fontes. Isso daí é uma diferença significativa.

E1: Beleza! Com relação a construção do corpus da pesquisa, né, você chegou.... quando não usava o software você chegou a atingir... a amostragem, ela foi por saturação teórica?

Alice: Não, nem sabia disso, nem sabia o que era saturação teórica.

E1: E com software?

Alice: Ah, com software sim, mas aí também eu não acho que foi devido ao software. Foi devido a um maior amadurecimento meu, enquanto pesquisadora, na área que eu fui lendo, que fui vendo, que fui descobri... que eu fui descobrindo outras técnicas.

E1: Mas de alguma forma você acredita que ele tenha auxiliado?

Alice: Sim, ele auxilia. Auxilia com certeza porque eu posso até, até ter uma impressão mais clara de onde eu alcancei a saturação ou não. Porque eu posso tá lá, vendo os códigos que eu já criei, eu posso puxar os aspectos principais de cada entrevista.

E1: Perfeito! Com relação ao feedback dos informantes, quando você não usou o software, você chegou a enviar transcrição, os resultados de volta para as pessoas que foram investigadas?

Alice: Não enviei.

E1: E quando você adotou o software?

Alice: Sim, aí eu enviei.

E1: De alguma forma o software, ele...

Alice: Ajuda totalmente, por quê você já transcreveu, já tá tudo lá, tudo codificado, você só já juntou as casinhas, né? No outro, eu enviaria só o que: só a transcrição e as minhas anotações. Então, eu acho que ajuda muito mesmo.

E1: Certo. Éé, validação com os pares – que seria você enviar para colegas seus o material para eles codificarem também e depois bater com a sua codificação ou então eles analisarem a sua codificação –, quando você não usou o software, você... em algum momento que você teve essa...?

Alice: Não... [confusa] Mais ou menos, porque aí foi a orienta... a orientadora do projeto que meio que analisou.

E1: Unhum.

Alice: Mas ela também fazia parte da pesquisa. Já quando eu usei o software, aí eu pedi impressões e opiniões de outras pessoas que estavam fora da pesquisa.

E1: E aí o software...

Alice: Também ajudou completamente, porque já tava tudo sistematizado, aí ficava fácil para as outras pessoas que estavam totalmente fora entender. Porque já tava tudo junto, já tava tudo sistematizado.

E1: Certo. Éé, com relação a auditoria externa, que seria você contratar uma pessoa especialista em pesquisa qualitativa...

Alice: Nunca, nunca fiz isso.

E1: Nas pesquisas sem e com...

Alice: Nunca fiz isso.

E1: E agora, com relação aos resultados: na pesquisa sem o software, você conseguiu gerar resultados que eram inesperados – que é a teoria... que a sua base teórica não previa?

Alice: Sim, viu?

E1: Teve alguma coisa surpresa?

Alice: Teve um elemento surpresa que até foi a construção... que eu lembro até hoje que eu construí uma, uma matrizinha que... de usuários do software livre e tal. E com software também, também teve alguns elementos surpresas que eu não estava esperando na teoria. Com o software fica mais fácil você visualizar isso, porque você transcreveu, codificou, sintetizou e de alguma forma agrupou. Fica mais fácil de você descobrir esse elemento surpresa. Sem o software, você consegue? Consegue, mas fica mais difícil e exige uma compreensão maior, um esforço maior do pesquisador.

E1: Certo. Éé, agora eu queria que você comparasse [...] essas duas experiências (sem e a com), certo? Em qual delas você considera que conseguiu refletir melhor sobre os resultados? Obviamente, que eu sei que eram momentos diferentes da sua vida como pesquisadora...

Alice: É, é... [concordando]

E1: Você tem um amadurecimento diferente, mas procurando refletir criticamente com relação...

Alice: Aos softwares, em si, né? Olha só, eu acho que com o software, eu consegui compreender melhor, abstrair melhor e gerar resultados mais sólidos e válidos porque eu tinha as ferramentas... o software dá ferramenta para você para você chegar e para você gerar conclusões da sua pesquisa. Então, eu tinha umas ferramentas lá para eu poder gerar as matrizes, para eu poder gerar os os gráficos, as tabelas. E quando eu gerava isso, eu ficava pensando "o que é que esse gráfico está me dizendo?", "o que é que essa tabela tá me dizendo?", "o que é que esse modelo tá me dizendo?", e a partir desse... dessa esquematização que o software me dava eu refleti mais em cima disso. Buscava explicações, voltava para a

teoria, voltava para, pra, pra as transcrições. Então, eu conseguia compreender melhor, sabe? Eu vislumbrava melhor. Sem o software, beleza, eu já tinha o processo ó... veja bem, o processo sem software é de eu conseguir sistematizar, concluir e chegar a um resultado. Beleza, eu cheguei ao resultado, parei. Não, não, não tenho uma maior compreensão. Com o software, eu analiso e eu tenho um esforço maior de reflexão antes de chegar aos resultados, antes de gerar as tabelas, os gráficos, as matrizes e depois. Porque depois eu vou ter que explicar e vou ter que entender, convencer, colocar lá no meu relatório o que é que aquilo parece explicar. Daí, eu volto para a teoria, volto para as transcrições.

E1: Perfeito.

Alice: Então, eu acho que, de alguma forma, isso é fantástico... o processo.

E1: Perfeito. E agora, comparando essas duas [...] experiências (com e sem), com relação à transparência da metodologia, o detalhamento da metodologia...

Alice: Ah [expressão de certeza], sem dúvidas com o software. Com o software, ele vai... você consegue detalhar muito bem o que você fez. [dando exemplo] "Primeira coisa, eu fui lá coloquei a transcrição, na segunda coisa, eu fui lá...". Tá sistematizado... e tem os registros do software. Ele mesmo registra o que você fez, as versões e tal. Sem o software, primeiro que você vai muito na intuição, né? Às vezes eu não sabia, eu parava, eu anotava num papelzinho "fiz isso, depois fiz isso, depois fiz aquilo"... porque às vezes eu esquecia do que eu fiz. Porque é tão intuitivo de você tá ali, mexendo com as entrevistas e lendo, lendo, lendo, lendo para tentar entender e gerar algo, que as vezes os processos são pulados.

E2: Os registros que você se refere, são [...] o uso de memos?

Alice: Tem os memos que você consegue registrar o que você faz em cada em cada etapa... E o próprio registro de criação de código: "ah, no primeiro momento eu criei tantos códigos, eu salvei. No segundo momento, eu criei outros tantos códigos, eu salvei. No terceiro momento, eu fiz aquilo" [cita exemplo de experiência]. Então, fica tudo registrado. E quando não é (quando é manual), fica muito vago: ou a pessoa anota ou se lembre. Para gente que é esquecida, como eu, éé você acaba esquecendo ou você tem que arrumar aí algum jeito de você detalhar tudo como você fez.

E2: Éé...

E1: Você quer perguntar? Eu tenho aqui algumas perguntas, mas pode perguntar. [pergunta direcionada ao Entrevistador 2, que participou da entrevista]

E2: Quero! Você já respondeu, mais ou menos, mas assim só para fazer a pergunta de uma forma mais clara, pra deixar assim, mais explícito. Você acha que o software impacta na qualidade da pesquisa qualitativa?

Alice: Com certeza! Dá mais robustez, como eu falei. Torna os dados mais limpos, claros para quem vai ler, para quem fez e para quem vai avaliar, os três campos. Então, é muito mais... porque quem... quando, quando eu não uso software, tá muito claro o que eu fiz, eu sei o que foi que eu fiz. Mas fica claro para o leitor que vai ler o meu trabalho? E para quem vai avaliar também, vai ter que ter um esforço maior para entender o que foi que eu fiz. Com software, não, tá tudo ali claro, registrado. Os resultados podem ser gerados de formas de dinâmica, mais limpos, claros, evidente de alguma forma. E sem o software, você vai ter mais dificuldade, vai ter que ter um maior esforço. Não é que "ah, o software... eu vou defender o

software que ele vai mudar a minha pesquisa", não. O pesquisador é o elemento-chave. Se o pesquisador não, não, não faz as suas análises, não faz as suas codificações, as suas leituras, as coisas todas, o software não faz sozinho. Ele vai lhe ajudar, vai organizar e vai sistematizar isso.

E1: Mas [...], na pesquisa quantitativa também, né? Se você tem um software, né, mas se você não consegue interpretar aqueles dados...

Alice: É, mas ele lhe dá o resultado. Ele...

E1: Mas também tem que ter algum esforço de..., né?

Alice: É, tem que ter o esforço de interpretação, mas...

E1: Obviamente, que no quali[tativo] o esforço do pesquisador é bem maior, né?

Alice: No quali[tativo] é muito maior e no quanti[tativo] você já tem os dados. Eu tenho os dados todos, eu boto lá no SPSS, ele roda para mim a fatorial. O Nvivo não roda para mim a análise de conteúdo. O Atlas.TI não roda pra mim a análise de conteúdo. Quem faz análise conteúdo sou eu com o apoio que ele me dá com as suas ferramentas.

E1: Certo. Éé eu vou querer fazer mais uma última pergunta só.

E2: Eu tenho outra depois.

E1: Eu queria saber se você pretende usar sempre o software...

Alice: Ah, com certeza [tom de ênfase] eu quero usar! Porque eu vi assim... e também na parte de... como eu falei, de avaliações, sabe? Ao submeter os artigos as revistas, aos congressos, éé o pessoal destaca... tem destacado que a metodologia tá bem coerente, tá muito legal, tem elogiado isso. E eu acho que um dos elementos, uma das explicações, é o uso do software, a boa utilização do software. Então, eu quero sempre utilizar quando eu pegar uma pesquisa qualitativa. Eu não me vejo mais fazendo pesquisa qualitativa sem o software, já faz parte assim da minha vida. Agora, tem a questão das licenças, né? Que tá muito caro. São softwares pagos por grandes empresas, né? O NVivo é o QSR e o Atlas.TI eu nem sei qual é a empresa. Mas são softwares pagos que, claro, a empresa o tempo inteiro tá fazendo... tá fornecendo suporte, tá fazendo atualizações e isso éé aumentou... éé deixou o software mais robusto e mais caro. Então, um empecilho ainda é essa questão do acesso da licença. Pretendo testar os softwares livres, mas ainda não parei para pegar eles e estudar e analisar, mas eu pretendo é uma coisa aqui tá no meu script.

E2: Tem software livre de CAQDAS?

Alice: Tem, tem.

E1: Você sabe assim o nome, de cabeça?

Alice: Eu não sei, mas eu fiz uma pesquisa. Eu listei, eu acho que tem dois ou três.

E1: Ah, é interessante.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]